

## Projeto de Leitura Pequenos Escritores: A Arte de Reescrever Fábulas na Alfabetização

Tayse Castelo RIBEIRO (SEDF)<sup>1</sup>

### RESUMO

A alfabetização na perspectiva do letramento é um tema que nos direciona ao seguinte questionamento: Como despertar e desenvolver a escrita de textos de alunos em fase de alfabetização? Com essa indagação, nasceu o projeto de leitura Pequenos Escritores, que visa refletir sobre o resultado de uma experiência desenvolvida com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola classe situada na Ceilândia -DF. O objetivo principal é incentivar a prática de produção de textos por meio do gênero textual fábulas, vivenciando o exercício da criatividade e despertando o gosto pela leitura. O Gênero textual estudado foi explorado por meio de leituras deleites, debates, vídeos e apresentação teatral. As crianças reescreveram as fábulas partindo das histórias do livro *Pedalando pelas Fábulas*, de Dad Squarisi. O livro foi emprestado a todas as crianças das turmas para que fizessem a leitura com a participação da família. Neste projeto, os alunos tiveram autonomia para acrescentar características aos seus personagens, reinventar enredos, modificar lugares e, desta forma, protagonizar o seu potencial escritor. Para embasar este trabalho, recorre-se aos escritos de Emília Ferreiro (2011), Magda Soares (2018), Angela Kleiman (1995) e Currículo em Movimento do DF. Tivemos como produto final a exposição dos livros dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Reescrita. Alfabetização. Letramento. Fábulas.

### ABSTRACT

Alphabetization with a view to the literacy is the subject that drives us to the following questioning: How would it be possible to wake up and develop the ability of writing texts on students in alphabetization stages? With that question in mind it was created the reading project named *Pequenos Escritores* aimed at reflecting on the results of an experience performed with elementary students (3rd grade) of a school situated in Ceilândia, Distrito Federal. Its main aim was to incentivate the production of texts through the fable literary genre, experiencing creativity and awaking their interest in reading. The literary genre mentioned above was explored by means of pleasure readings, debates, videos as well as theater performance. The book *Pedalando pelas Fábulas* (Dad Squarisi) had been previously lent to all the involved kids so that they could read it together with their families. Afterwards, using the stories of the book as starting point the children had to rewrite the fables. In this project the students were autonomous to add new features to the characters, create new storylines, change places and, therefore, bring about their writer in potential. The exhibition of the students' books was the main final product of the project. The authors that underpin this research are Emilia Ferreiro (2011), Magda Soares (2018) and *Curriculo em Movimento do DF*.

**KEY-WORDS:** Reading. Rewriting. Alphabetization. Literacy. Fables.

## I. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Docente Secretaria de Educação do Distrito Federal e Secretaria de Estado de Educação de Goiás  
ysinhatata2005@gmail.com

Desde a infância, o indivíduo convive com os diversos textos que circulam nos lugares que frequenta. Em casa, nos bairros, nas ruas, nos estabelecimentos, nas repartições públicas, nas igrejas, universidades, hospitais, entre outros locais, os textos estão presentes no seu meio social, sejam eles orais ou escritos, simples ou complexos, com linguagem formal ou informal, ou seja, os textos estão inseridos nas mais diversas esferas de atividades humanas.

O contato diário com os textos e as demandas da vida moderna em sociedade atreladas ao desenvolvimento da tecnologia exigem dos indivíduos uma adequada e eficiente apropriação da leitura e da escrita e, mais que isso, a aplicação dessas aquisições nas muitas e diversas atividades que desempenham.

A participação nas esferas da sociedade exige o domínio de conhecimentos específicos para a viver nos grandes centros urbanos, e esses conhecimentos são transmitidos principalmente pela língua escrita, privilegiando-a pelo seu sistema de símbolos e regras. A sociedade exige que o indivíduo possua atributos necessários para utilizar esse sistema escrito nos mais diversos contextos, conferindo à alfabetização um direito social (FERREIRO, 2011).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o analfabetismo no Brasil é considerado expressivo ainda que os índices de escolarização têm melhorado. A taxa de escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos no período de 2007 a 2015 aumentou de 97,0 % para 98,6 %. Esse dado demonstra avanços no número de matriculados nas escolas brasileiras. Quanto ao analfabetismo, no mesmo período citado anteriormente, a taxa de 10 a 14 anos demonstra redução: em 2007 era de 3,1 e em 2015 era de 1,6. Esses dados mostram que os índices de analfabetismo têm reduzido paulatinamente no decorrer dos anos, mas que ainda é um desafio alcançar níveis melhores. Além disso, é fundamental concentrar na qualidade do ensino, pois não basta ao indivíduo ser alfabetizado, mas se esse processo tem se tornado efetivo nas situações que exigem dele habilidades de leitura e escrita.

No ambiente escolar, faz-se necessário que o trabalho pedagógico do professor seja focado na exploração de estratégias de leitura e escrita respeitando o processo de construção do aluno, e seu nível de apropriação. Nesse sentido, Emília Ferreiro aborda as seguintes estratégias para introdução da língua escrita:

- permitir explorações ativas dos distintos tipos de objetos materiais que são portadores de escrita (...Jornais, revistas, dicionários, calendários, agendas, livros ilustrados, livros sem ilustrações, livros de poesias, livros de canções, enciclopédias, cartas, receitas, recibos, telegramas etc.);
- ter acesso à leitura em voz alta de diferentes registros da língua escrita que aparecem nesses distintos materiais;
- poder escrever com diferentes propósitos e sem medo de cometer erros, em contextos onde as escritas são aceitas, analisadas e comparadas sem serem sancionadas;
- poder antecipar o conteúdo de um texto escrito, utilizando inteligentemente os dados contextuais e – na medida em que vai sendo possível – os dados textuais;
- participar em atos sociais de utilização funcional da escrita;
- poder perguntar e ser entendido; poder perguntar e obter resposta;
- poder interagir com a língua escrita para copiar formas, para saber o que se diz, para julgar, para descobrir, para inventar. (FERREIRO, 2011, p.73, 74)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) destaca a importância em formar escritores competentes:

Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. (...) É importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura.” (PCN, 1997, p.52)

Nesse ponto de vista baseado nas perspectivas de Ferreiro em consonância com os PCN que enfatiza a necessidade do trabalho com diversos gêneros textuais, bem como a exploração de suas peculiaridades, suas especificidades e seus elementos fundamentais, compreendemos que esse trabalho deve ser desenvolvido com a predominância da leitura e da escrita, paralelamente.

Além disso, o trabalho com projetos de leitura deve ser centrado em estratégias de leitura e escrita diversificadas. No decorrer das atividades propostas, é fundamental que o aluno seja estimulado a escrever para que desperte seu potencial escritor. Essa prática de leitura, escrita, reescrita e revisão precisa ser mediada e conduzida pelo professor, que tem o papel de estimular o gosto pela leitura constantemente nas suas aulas, e também de frisar a importância dessa no ambiente familiar da criança.

A escola é um dos espaços onde a criança tem a oportunidade de desenvolver suas funções linguísticas – não o único – e, por meio dessas, contribuir para o progresso da sua competência como escritor.

O objetivo do artigo é demonstrar como as práticas de leitura, escrita e reescrita de fábulas mediadas pelo professor-alfabetizador podem ser proveitosas e eficientes para a apropriação e desenvolvimento da escrita de crianças em fase de alfabetização. A atividade do professor será de intervir quando pontuar necessário, estimular a participação da família no processo ensino-aprendizagem do discente, despertar o exercício da escrita individual e coletiva, e estimular a leitura dos escritos dos demais colegas.

## II. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Nos últimos anos, há muitas abordagens que estudam sobre o processo de alfabetização. Essas abordagens envolvem diferentes áreas do conhecimento. Para Magda Soares, faz-se necessário estabelecer diferenças entre o processo de aquisição da língua e processo de desenvolvimento da língua. Nesse sentido, alfabetização e Letramento ainda são considerados temas polêmicos no campo educacional (SOARES, 2018).

Conforme Soares (2018) descreve, “o processo de alfabetização deve levar à aprendizagem não de uma mera tradução do oral para o escrito”, ou seja, esse processo não deve ser centrado na codificação e descodificação de letras e fonemas, ou centrado somente em métodos específicos, mas a escrita deve ser abordada “como um meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral” (SOARES, 2018, p.19). A autora defende uma teoria que aborde três aspectos no processo de alfabetização: primeiramente, o ler e escrever de forma mecânica; concomitante, a escrita como forma de expressão dotada de peculiaridades e autonomia ao ser comparada com a oralidade; e simultaneamente as funções sociais da língua escrita. Desse modo, a escrita se constitui num processo que envolve representação de fonemas e grafemas e suas significações na escrita.

O Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa com auxílio do IBOPE- Agência que mensura o nível de alfabetismo brasileiro, realizam pesquisas

que demonstram o INAF (Indicador de Alfabetismo no Brasil). O Instituto destaca três níveis para as seguintes classificações de grupos funcionalmente alfabetizados:

**Elementar** - As pessoas classificadas nesse nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências (...) Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações;

**Intermediário** – Localizam informações em diversos tipos de texto, resolvem problemas envolvendo porcentagem ou proporções ou que requerem critérios de seleção de informações, elaboração e controle de etapas sucessivas para sua solução. As pessoas classificadas nesse nível interpretam e elaboram sínteses de textos diversos e reconhecem figuras de linguagem; no entanto, têm dificuldades para perceber e opinar sobre o posicionamento do autor de um texto.

**Proficientes** - Classificadas nesse nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos de maior complexidade, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações e distinguem fato de opinião. (...)

O INAF é uma ferramenta que auxilia no desenvolvimento da educação brasileira, conforme é destacado no documento Relatório de Agosto de 2018. Com esses dados, o órgão reacende a discussão sobre analfabetismo e, conseqüentemente, contribui para reflexão e melhorias no ensino da educação básica. Nota-se que não basta ao indivíduo ser considerado alfabetizado, mas desenvolver competências para expandir seu letramento nas diversas situações comunicativas que abordam a língua falada e a língua escrita.

O INAF é realizado em indivíduos com a faixa etária de 15 a 64 anos. Percebe-se que o analfabetismo funcional tem suas divisões. E ao comparar as três classificações citadas, depreende-se que o grupo considerado analfabeto funcional elementar apresenta limitações que circunda elementos mais complexos como informações implícitas em diferentes tipologias textuais. No nível intermediário, a dificuldade é centrada na descrição de argumentos do autor no texto, ou seja, supera-se as informações implícitas, mas não há compreensão dos posicionamentos. Quanto ao nível proficiente, todas as barreiras citadas nos níveis anteriores foram superadas, e esse grupo já demonstra um nível de compreensão de textos adequado e satisfatório.

O Instituto descreve o conceito de alfabetismo:

Alfabetismo é a capacidade de compreender e utilizar a informação escrita e refletir sobre ela, um contínuo que abrange desde o simples reconhecimento de elementos da linguagem escrita e dos números até operações cognitivas mais complexas, que envolvem a integração de informações textuais e dessas com os conhecimentos e as visões de mundo aportados pelo leitor. Dentro desse campo, distinguem-se dois domínios: o das capacidades de processamento de informações verbais, que envolvem uma série de conexões lógicas e narrativas, denominada pelo Inaf como letramento, e as capacidades de processamento de informações quantitativas, que envolvem noções e operações matemáticas, chamada numeramento. (INAF BRASIL, 2018, p. 4)

Nesse sentido, nota-se que as exigências para um indivíduo ser considerado alfabetizado envolvem determinadas e diversas habilidades contextuais e cognitivas, ampliando assim as possibilidades de uma pessoa alfabetizada viver, comunicar e interagir na sociedade.

O conceito de Letramento, segundo Kleiman

Um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder (1995, p.11).

Kleiman (1995, p.246) ressalta que “a alfabetização aparece como um caminho de ampliação e assimilação de uma nova visão de mundo, conduzindo ao aprendiz a uma participação social mais ativa”. Desse modo, a alfabetização e o letramento estão interligados no processo de aquisição da leitura e também da escrita, transpassando a ideia de fixação do sistema alfabético, mas sim possibilitando ao indivíduo um novo olhar para as emergências da vida moderna.

### **III. PROJETO DE LEITURA PEQUENOS ESCRITORES**

O projeto surgiu da necessidade de incentivar o hábito da leitura na escola devido às queixas explícitas dos professores nas reuniões conhecidas como coletivas. As indagações eram constantes e necessárias para o fortalecimento das habilidades e competências linguísticas dos alunos em fase de alfabetização, e posterior a ela – 2º bloco do ciclo do BIA.

A preocupação inicial veio quando exerci o cargo de Coordenadora Pedagógica nessa mesma Unidade Escolar. Ao longo dos últimos bimestres do ano anterior, era perceptível a desmotivação expressa nas produções textuais de crianças de 8 a 11

anos. Os últimos testes de hipóteses de escrita - a Psicogênese - mostraram que era necessário uma ação duradoura e efetiva para despertar o gosto pela leitura e o desejo dos alunos em produzir textos. Alguns professores realizaram debates em sala de aula, e seus alunos tiveram a oportunidade de expressar suas angústias quanto à escrita de textos, ou melhor, as famosas redações.

Os depoimentos dos alunos frente ao professor mostraram que muitas crianças tinham e têm potencial, mesmo não sendo consideradas alfabetizadas no resultado dos testes da Psicogênese, porém algumas crianças relataram sentir medo dos erros ortográficos, e angústia ao serem criticadas pelos erros cometidos devido à possibilidade de sua exposição. Nesse sentido, em uma das etapas do projeto foi importante a troca de informações com o corpo docente para que não constrangesse as crianças nas correções de seus textos. Nesse momento, estabeleceu o bilhete como estratégias de revisão dos textos produzidos.

A escrita é onipresente, como pontua Kleiman (1995). Ela está no nosso cotidiano tão natural que, para os letrados, ela pode passar imperceptível em determinadas situações, porém, essa mesma escrita pode ser considerada “verdadeiros obstáculos para os grandes grupos de brasileiros não – escolarizados” Kleiman (1995, p. 7), isto é, a escrita tem o papel fundamental nas atividades simples e corriqueiras, como também tem o seu “efeito potencializador” (Kleiman, 1995, p. 7), que possibilita aos cidadãos não – letrados um olhar de mudança e transformação da sociedade.

O trabalho com projetos de leitura possibilita o engajamento do aluno na esfera escolar e na sua comunidade como sujeito ativo, a interação com a família e a comunidade escolar, o aumento das visitas na biblioteca da escola, a articulação do trabalho pedagógico, o envolvimento do discente com as etapas do projeto, entre outros benefícios. Os PCN destacam que

Os projetos favorecem o necessário compromisso do aluno com sua própria aprendizagem. O fato de o objetivo ser compartilhado, desde o início, e de haver um produto final em torno do qual o trabalho de todos se organiza, contribui muito mais para o engajamento do aluno nas tarefas como um todo, do que quando essas são definidas pelo professor (p.51)

Os projetos de leitura com reescrita de textos são de extrema importância para um bom e articulado desenvolvimento na produção textual das crianças. Ao reescrever as fábulas, o aluno conhece a narrativa e características desse gênero,

associa-as com a sequência de fatos, reconhece outras versões da mesma fábula, opta por versão específica tendo essa como sua narrativa principal, amplia seu vocabulário articulando novos detalhes a algum elemento da fábula, trabalha a oralidade na leitura e contação dessas fábulas para outros colegas e, conseqüentemente, interage e participa ativamente de todo o processo de construção do seu livro.

A reescrita de fábulas pode acontecer com a articulação de diferentes estratégias e atividades. São elas:

- Leituras coletivas, individuais na escola e no ambiente familiar;
- Debates que envolvam toda a turma ou entre duas turmas;
- Comparação de duas ou três versões da mesma fábula;
- Mudanças em determinado aspecto da fábula: algum personagem, por exemplo;
- Ênfase na sequência dos fatos para identificação do início, meio e final;
- Leitura dramatizada da moral da história com a intenção de refletir sobre a mensagem final da fábula;
- Produção textual individual, produção de texto coletiva e/ou em dupla no processo de reescrita;
- Revisão das produções produzidas: enfatizar a importância desse processo e estimular os alunos a revisarem o texto de outro aluno;
- Leitura expressiva enfatizando aspectos da linguagem oral sob a escrita: entonação, expressão facial, ritmo da história;
- Exploração de vocabulário e glossário para manuseio do dicionário;

Muitas são as vantagens de se aplicar um projeto de leitura pautado em um gênero específico como a fábula, mas, além disso, construído e desenvolvido com diversas estratégias para a prática da leitura e da escrita. É nesse sentido, que o docente pode estimular a prática de produção de textos, possibilitando ao alfabetizando a inserção e interesse nessa busca em expor sua criatividade na reescrita, em estimular o seu potencial, em despertar-lhe para o hábito da leitura. E com a articulação de leituras, releituras deleites, debates, vídeos e apresentação teatral, o aluno tem percepções diferentes sobre o mesmo assunto ou tema.

#### **IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto de leitura desenvolvido demonstrou avanços na apropriação da leitura e escrita de crianças em fase de alfabetização matriculadas no 3º ano. A equipe docente percebeu e constatou que a articulação de diferentes estratégias pedagógicas possibilitam maior envolvimento dos alunos nas atividades propostas, alcançando a todos, dos mais tímidos ao mais desinibidos. Além disso, foram perceptíveis as ascensões das crianças comprovadas no último teste de hipótese de



escrita – Psicogênese – realizada na Unidade Escolar durante 3º bimestre. O projeto de leitura despertou a escrita adormecida de muitos alunos, estimulou o uso e manuseio do dicionário, aproximou a participação e engajamento da família e incentivou o acesso e empréstimo de livros da biblioteca. Além disso, as fábulas despertaram em muitos alunos diversas curiosidades, sendo atrativas quando retomadas.

## V. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares de língua portuguesa**: Ensino de primeira à quarta série. I. Título.. Brasília: 1997.

BORTONE, Marcia Elizabeth. et al. **Diálogos sobre letramento**: de professores para professores. Campinas, SP: Pontes, 2015.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-escolarizacao-das-pessoas-de-6-a-14-anos.html>. Acesso em 23/10/2019.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em:

<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-10-a-14-anos-ou-mais.html>. Acesso em 23/10/2019.

Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa. Disponível em:

<https://ipm.org.br/inaf>. Acesso em 20/09/2019.